

*A Variação na Redução do Ditongo *au* do Latim ao Português*

Leici Landherr **MOREIRA**¹

Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa **COSTA**²

¹ Mestrado e Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Professora na Antonio Meneghetti Faculdade - AMF. Contato: leicimoreira@hotmail.com

² Doutorado em Teoria e Análise Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Professora Associada do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Contato: evellyne.costa@gmail.com

Resumo:

Este trabalho pretende discutir a variação do fenômeno de redução do ditongo primário *au* do latim ao português. Acreditamos que, desde sincronias pretéritas, é possível identificar motivações linguísticas e sócio-históricas que possam explicar a ocorrência do fenômeno que persiste modernamente como marca de oralidade. Sob o aporte teórico da Sociolinguística Histórica, examinamos estudos que buscam uma explicação na diacronia para o fenômeno de redução do ditongo *au*. Verificamos que esse fenômeno já ocorria, oralmente, na variedade menos culta do latim como atestam as fontes do latim vulgar, mas nem sempre evoluiu para uma mudança nas línguas românicas. Devido à conservação do ditongo *au* no registro escrito da norma culta, o fenômeno volta a se realizar na passagem para as línguas românicas, e continua a ser representado como variante em *corpora* do português medieval e da língua portuguesa oitocentista no Brasil. A motivação sócio-histórica aponta para uma fala menos cuidada, enquanto indício da condição social do falante/escrevente. A motivação linguística diz respeito ao ambiente condicionador do fenômeno de redução do ditongo *au* diante de consoantes oclusivas e sílabas travadas por /S/, conforme Oliveira (2008).

Palavras-chave:

Variação diacrônica. Ditongo. Monotongação.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 1, p. 136-147, abr. 2022

Recebido em: 30/01/2022

Aceito em: 27/06/2022

A Variação na Redução do Ditongo *au* do Latim ao Português

Leici Landherr Moreira; Evelyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa

INTRODUÇÃO

Olhar para o passado é de suma importância para explicar o comportamento das línguas modernas e, por isso, o testemunho escrito é uma das fontes de pesquisa mais importantes para o conhecimento da história da língua. Para o estudo da variação e mudança linguísticas, além da explicação de fenômenos que se mantêm modernamente, as fontes escritas desempenham um papel essencial conforme demonstrado por estudiosos tal como Conde Silvestre (2007). De fato, em sincronias passadas, sem as ferramentas tecnológicas como o gravador, a metáfora “ouvir o inaudível”³ é o desafio do pesquisador nos trabalhos de mudança e variação diacrônica por meio da análise de inscrições, manuscritos ou livros.

Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a discutir o fenômeno de redução do ditongo primário *au* do latim ao português⁴. A redução do ditongo, também chamada de monotongação, é o fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido por uma única vogal. Apresentamos aqui algumas possibilidades de leitura na perspectiva diacrônica a fim de mostrar como esse fenômeno já ocorria, oralmente, na variedade menos culta do latim como atestam as fontes do latim vulgar, nem sempre evoluindo para uma mudança nas línguas românicas. Uma vez que há conservação do ditongo *au* no registro escrito da norma culta, o fenômeno de redução volta a se realizar na passagem para as línguas românicas, e continua a ser representado como variante em *corpora* do português medieval e da língua portuguesa oitocentista no Brasil. Sob o aporte teórico da Sociolinguística Histórica, examinamos ao longo do trabalho, estudos que buscam uma explicação na diacronia para o fenômeno de redução do ditongo *au*. Pretendemos, portanto, desde sincronias pretéritas, identificar motivações linguísticas e sócio-históricas que possam explicar a ocorrência do fenômeno que persiste modernamente como marca de oralidade.

Neste artigo, apresentamos, na seção 1, a variação sob o ponto de vista diacrônico, a partir do referencial teórico da Sociolinguística Histórica; na seção 2, apresentamos um quadro panorâmico a respeito do fenômeno de redução dos ditongos do latim ao latim vulgar, bem como análise específica da redução do ditongo *au* enquanto fenômeno social e linguístico; na seção 3, examinamos, especialmente, as motivações linguísticas para a ocorrência da variação do fenômeno de redução do ditongo *au* do latim ao português, considerando ainda a motivação social que perdura desde o latim vulgar; por fim, as considerações finais.

1. MUDANÇA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICAS NA PERSPECTIVA DIACRÔNICA

Nos últimos anos, a Sociolinguística Histórica tem se destacado como aporte teórico-metodológico para os trabalhos sobre a mudança e variação na diacronia das línguas⁵. Preocupada com a descrição e explicação dos fenômenos de variação/mudança pela correlação entre fatores linguísticos e sociais presentes em registros

³ No original “hearing the inaudible” (LASS, 1997).

⁴ Ditongos primários provêm diretamente do latim clássico, enquanto os ditongos secundários se formam a partir de síncope (*malu* > mau), vocalização de grupos consonantais (*absentia* > ausência), metátese (*primariu* > primeiro) e epêntese (*arena* > área > areia) (QUEDNAU, 2005).

⁵ Sobre os trabalhos desenvolvidos no Brasil, ver “Os caminhos e descaminhos da Sociolinguística Histórica no Brasil” (SOUZA; SILVA, 2020).

escritos antigos (CONDE SILVESTRE, 2007), a teoria alicerça-se nos trabalhos fundacionais de Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Romaine (1982). Weinreich, Labov e Herzog (2006) propõem o estudo da mudança linguística vinculado à variação a partir da observação e descrição da heterogeneidade ordenada da língua. Para tanto, propõem um modelo que acomode fatos do uso variável da língua e seus determinantes sociais e estilísticos levando ao entendimento da variação como parte da competência sociolinguística do falante e comunidade de fala. A variação, torna-se, portanto, constitutiva da mudança linguística, já que toda mudança implica variabilidade ou heterogeneidade na estrutura linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG 2006, p. 125). De fato, é esse modelo teórico de investigação da mudança linguística por meio da inter-relação entre variáveis linguísticas e sociais que orienta, por sua vez, o trabalho *Socio-Historical Linguistics: Its Status and Methodology* (ROMAINE, 1982). A proposta da linguista consistiu no uso dos métodos de análise variacionista para examinar processos de variação e mudança de fenômenos linguísticos em textos antigos. Desde então, a teoria tem se desenvolvido e já obteve a validação de seus fundamentos empíricos e metodologia de trabalho pela comunidade linguística internacional (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 9).

Do ponto de vista metodológico, conforme Conde Silvestre (2007), há três princípios basilares para o desenvolvimento da Sociolinguística Histórica: reconstrução das fontes históricas, reconstrução do contexto social e *princípio do uniformitarismo*. Tais princípios orientam este trabalho na medida em que o levantamento do fenômeno de redução do ditongo em sincronias pretéritas ocorre mediante o exame de inscrições e testemunhos escritos que sobrevivem por acaso em museus e arquivos históricos públicos ou particulares, tornando-se necessário “fazer o melhor uso de dados considerados ruins”, como afirma Labov (1999, p. 11). Além disso, também é um ponto de discussão a reconstrução da sociedade, por exemplo, acerca do estrato social, em que ocorrem casos de redução dos ditongos, permitindo que o fenômeno se torne representativo enquanto marca de oralidade. Do mesmo modo, enfatizamos o *princípio do uniformitarismo* (LABOV, 1972), os mecanismos que operaram para produzir mudanças no passado poderiam ser observados nas mudanças no presente.

No âmbito da Sociolinguística Histórica, Conde Silvestre (2007) compreende tal princípio como um movimento pendular, pois, o comportamento das línguas no presente permitiria observar e explicar a mudança ao longo de sua história, ao passo que a projeção do passado sobre o presente possibilitaria a investigação acerca de circunstâncias históricas da mudança que, por sua vez, poderiam auxiliar na compreensão da mudança em andamento. É, portanto, esse movimento pendular que orienta as discussões e análises sobre a variação no processo de redução do ditongo *au* desde o latim ao português. E, por isso, pretendemos, nas seções a seguir, observar os mecanismos (ou fatores) sócio-históricos e linguísticos que motivaram a redução do ditongo *au*, primeiramente, do latim clássico ao latim vulgar, seguido do latim vulgar às línguas românicas, especialmente, à Língua Portuguesa.

2. A REDUÇÃO DOS DITONGOS DO LATIM CLÁSSICO AO LATIM VULGAR

Para tratar dos ditongos no latim clássico e latim vulgar, é necessário, primeiramente, realizar uma breve exposição a respeito do fator de distinção entre as duas variedades. É sabido pelo método histórico-comparativo que as línguas românicas provêm do latim, especificamente do latim vulgar. Do ponto de vista da história interna, conforme Faria (1955), a história da língua latina, que pertence à família do primitivo indoeuropeu, pode ser contada desde o período Pré-histórico (séc. XI? – VII?), Proto-histórico (século VII? – 240 a. C), Latim Arcaico (240-81 a. C), Latim Clássico (81 a.C. – 17 d. C) até o período Latim Pós-clássico (17 d. C – séc. V), que inclui uma fase Pré-romance entre os séculos III e VI. Entretanto, essa mesma história também pode ser contada do ponto de vista externo (sócio-histórico) a partir das conquistas, expansão e dominação do Império Romano. Esses movimentos abrem espaço para a ocorrência de variações diafásicas, diastráticas e diatópicas na língua falada em diferentes territórios conquistados, uma vez que o latim influenciou e foi influenciado por outras línguas. Por isso, para tratar da língua latina na perspectiva da mudança, é preciso estabelecer como ponto de partida o fato de que, originalmente, o latim era a língua de camponeses e pastores, um dialeto de Roma, limitado à margem do Rio Tíbre, nomeado latim vulgar (BASSETTO, 2013, p. 85).

Coutinho (1938, p. 36) define o latim vulgar, chamado pelos gramáticos de *sermo vulgaris*, *plebeius* ou *rusticus*, como uma modalidade da classe iletrada e inculta de Roma, ao passo que a modalidade clássica, nomeada de *sermo urbanus*, *eruditus* ou *perpolitus* dizia respeito à escrita célebre de Cícero, César, Vergílio, Horácio e Ovídio. Dessa forma, a distinção entre latim clássico e latim vulgar não é cronológica, senão social, e por isso coexistiam no mesmo período histórico. Ilari (1999, p. 58), por exemplo, afirma que o latim vulgar consistia na variedade efetivamente falada em Roma no mesmo período em que o latim clássico estava a serviço da criação de uma literatura aristocrática e artificial com apogeu no final da República e no início do Império.

Bassetto (2013) põe em evidência essa diferença social ao classificar as variedades do latim a partir do conceito de norma linguística. Segundo o autor, após as primeiras conquistas, em virtude do aumento da população da cidade, e por volta do século IV com o crescente refinamento cultural das classes mais altas, as diferenças entre classes sociais acentuaram-se de tal modo que ecoaram na língua. Por esse motivo, Bassetto (2013, p. 89) propõe, então, duas normas linguísticas primárias: o *sermo urbanus* e o *sermo plebeius*. Enquanto esta correspondia à língua da massa popular inculta, aquela abrangia a língua do estrato social mais culto. O *sermo urbanus*, língua falada pelas classes cultas de Roma, recebeu refinamento artístico e estilização no nível literário, revertendo-se ao *sermo classicus* ou *litterarius* da prosa de Cícero e do verso de Vergílio, Horácio e Ovídio. Na norma *sermo plebeius*, incluem-se o *sermo rusticus* dos camponeses e pastores, *sermo castrenses* dos militares e *sermo peregrinum* dos estrangeiros em geral. Essas variedades, recebem, modernamente, a designação de latim vulgar.

Apesar de as designações das variedades do latim não serem um ponto pacífico entre os pesquisadores, parece que o princípio de distinção é o mesmo, isto é, as variedades da língua latina manifestam-se de diferentes formas diante do grau maior ou menor de letramento e/ou condição social do falante/escrevente. Então, se o processo de redução do ditongo *au* ocorre inicialmente do latim clássico para o latim vulgar, conforme atestam estudiosos da língua tais como Faria (1955), Ilari (1999), Bianchet (2003) e Quednau (2005), o primeiro ponto de nossa discussão diz respeito à motivação social do processo de redução dos ditongos do latim clássico ao latim vulgar.

De acordo com Faria (1955, p. 58), o latim clássico apresentava os ditongos *ae*, *au*, *oe*, *eu* e *ui*, contudo somente os ditongos *ae* e *au* eram frequentes, uma vez que o ditongo *oe* era raro, e os ditongos *eu* e *ui* mostravam-se excepcionais. Os gramáticos romanos, tais como Servius e Pompeius mencionaram *ae*, *oe*, *au*, *eu*, ao passo que somente Diomedes incluiu o ditongo *ui*, e Cledonius e Mallius Theodorus acrescentam ainda o ditongo *ei* (HUSBAND, 1910, p. 19-20). Faria (1955) caracteriza cada um desses ditongos, verificando o grau de ocorrência no latim clássico: (i) no ditongo *ae*, soavam distintamente *a* e *e*, segundo os gramáticos latinos, sendo grafado, às vezes, pela forma arcaica *ai* em inscrições latinas; (ii) o ditongo *au*, também pronunciado como um verdadeiro ditongo, era empregado unicamente no início das palavras; (iii) aparecendo em palavras gregas introduzidas em latim, o ditongo *oe* era usado para transcrever o ditongo grego *oi*; (iv) os ditongos *eu* e *ui*, raríssimos e excepcionais, ocorriam em nomes próprios oriundos do grego, tal como *Eurípides*, e na interjeição *bui*.

No latim vulgar, os ditongos *ae*, *au*, *oe* apresentavam a tendência a serem reduzidos a vogais simples (ILARI, 1999; QUEDNAU, 2005; VÄÄNÄNEN, 1968). Considerada pelos romanos como um rusticismo, e, portanto, condenada pelos gramáticos, sobretudo Varrão⁶, a pronúncia de *ae*, *au* e *oe* como [ɛ], [o] e [e], respectivamente, era frequente em palavras tais como *caelu* > [ɛ]lu, *tauru* > [ow]ro/[o]ro, *poena* > p[e]na (FARIA, 1955; QUEDNAU, 2005). Outros exemplos de redução são atestados pelas fontes do latim vulgar.

Ilari (1999) propõe uma tipologia para essas fontes, abrangendo textos que opõem intencionalmente duas formas de latim (clássico e vulgar), tal como o *Appendix Probi*; obras em que o latim vulgar penetra parcialmente, como *Peregrinatio ad Loca Sancta*, da monja Egéria, e *Satyricon* de Petronius, além das inscrições latinas que constam no *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Bassetto (2013) descreve sistematicamente as seguintes fontes: inscrições populares (inscrições parietais, *tabellae defixionum*, inscrições tumulares, papiros antigos, registros de erros cometidos por pessoas menos cultas e construções de uso popular pelos gramáticos e mestres

⁶ Segundo Ilari (1999, p. 66, grifo nosso), mestres de retórica e gramáticos deixaram observações dispersas sobre os “erros” cometidos por pessoas incultas. Varrão, por exemplo, opõe a pronúncia vigente em Roma e a pronúncia das áreas rurais do Lácio, sobretudo no que concerne à redução do ditongo *ae* em “*Latío rure edus quod in urbe haedus*”.

da retórica desde Ápio (século III a.C.), Varrão, Cícero, Quintiliano e Donato até Prisciano (século VI d. C.), tratados técnicos, relatos de peregrinações, textos latinos tardios como *Satyricon*, *Testamentum Porcelli* e tabelas albertinas, além dos textos cristãos e glossários. Vejamos, a título de ilustração, a ocorrência da redução de ditongos no *Appendix Probi*, em algumas inscrições e na obra literária *Satyricon*.

O *Appendix Probi* é uma compilação de 227 variações da escrita de palavras de acordo com a variedade clássica e literária do latim, contrapondo-as ao registro da variedade falada e menos culta. De acordo com Araujo (2003), o documento data, provavelmente, do século III a.C., escrito por um autor anônimo, mas recebeu o nome de *Probi* pelo fato de a fonte estar anexada a um texto do gramático Valério Probo, que viveu no século I d.C. Na lista, o autor propõe um modelo de escrita correta em latim, no intuito de preservar as formas tradicionais, opondo-as às variações; assim, a primeira palavra pertence ao latim clássico, literário, enquanto a segunda palavra diz respeito à variação, isto é, à forma produzida na variedade falada e menos culta da língua. A redução dos ditongos *ae* > *i*⁷, *au* > *o*, *ae* > *e* e *eu* > *o* ocorre em⁸:

Quadro 1 - Exemplos de redução de ditongos no *Appendix Probi*.

22 aquaeductus non aquiductus
83 auris non oricla
159 terraemotus non terrimotium
184 c[a]lebs non celeps
190 [h]ermeneumata non erminomata

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Todas as inscrições latinas constam no *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Dentre elas, destacamos as inscrições parietais, *defixionum tabellae* e as inscrições tumulares. As inscrições parietais, também conhecidas como *graffiti*, foram grafadas com estilete em muros, paredes e monumentos. Apesar de o tipo oficial conter formas fixas, há inscrições populares, que expressavam a linguagem corrente das classes menos cultas. As *defixionum tabellae*, conhecidas como tabuinhas execráveis, eram textos de caráter popular com pragas aos desafetos, gravados em metal, pedra ou terracota, redigidas numa linguagem menos cuidada do que as inscrições oficiais, manifestando um número maior de vulgarismos. As inscrições tumulares, por sua vez, possuíam uma linguagem mais cuidada, próxima a uma norma literária, no entanto, na época mais tardia apresentavam características do latim vulgar (BASSETTO, 2013; ILARI, 1999).

Väänänen (1968) destaca as ocorrências de redução dos ditongos documentadas nas inscrições parietais de Pompeia. A redução de *ae* > *e* é documentada em “1345^a, 5339 *egrotas*, 444, 5203 *eris* = *aeris*, 1553 *Emilio*”, e de *oe* > *e* em “8975 *amenus*, *citaredus* 8873, 1890 *Phebus*” (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 75). Basseto (2013) nota a redução do ditongo *au* a *o* em *caupo* > *copo* (“taberneiro”) na inscrição parietal CIL, IV, 3948, e a redução de *ae* a *e* em *boné memorie* numa inscrição tumular em Colônia (CIL, XIII, 8481). Por fim, Santos (2005) analisa a redução dos ditongos *ae*, *au* e *oe* em inscrições romanas do território português em três grandes regiões de Portugal: região sul, ao sul do Tejo; região centro, entre os rios Tejo e Douro; e região norte, ao norte do rio Douro.

A obra literária *Satyricon* de Petrônio, provavelmente do século I d. C., figura como uma importante fonte do latim vulgar por conta da *Cena Trimalchionis*, ou seja, “Ceia de Trimalquião”. Nesta parte da obra, Petrônio descreve um banquete oferecido por um novo rico, Trimalquião, aos seus convidados, lançando mão do uso de vulgarismos como um recurso estilístico para caracterizar a fala dos personagens, por isso há uma aproximação muito grande com a língua falada por pessoas menos cultas da sociedade (BASSETTO, 2013; ILARI, 1999). Nesse sentido, considerando que a obra pode oferecer indícios da interferência do registro oral na modalidade escrita da língua latina e, portanto, fornecer dados acerca do padrão fonético vigente à

⁷ Conforme Quednau (2005), quando *ae* é pretônico, reduz-se a *i* ou *e*, se *ae* for tônico reduz a [e].

⁸ Retirado de http://www.orbilat.com/languages/latin_vulgar/vocabulary/appendix_probi.html (ORBIS LATINUS, 2021).

época, Bianchet (2003) utiliza a obra *Satyricon* para descrever as alterações fonético-fonológicas características do século I d. C, ocorridas no sistema vocálico latino. Bianchet (2003, p. 197) apresenta um quadro, organizado em três colunas: (i) formas padrões e/ou alteradas indicadas em verbetes de dicionários de latim; (ii) formas alteradas pela redução dos ditongos presentes na obra; (iii) formas padrão presentes na obra. As ocorrências são indicadas pela localização no texto (capítulo e subdivisão do capítulo).

Quadro 2 - Ocorrência de formas monotongadas e ditongadas na obra *Satyricon*.

Verbetes	Forma monotongada	Forma ditongada
1. auricularius, -a, um: profético	<i>oricularios</i> (43, 6)	
2. cauda, -ae (f): cauda	<i>coda</i> (44, 12)	<i>cauda</i> (89, 1, 38)
3. caudex, ícis (m): tronco de árvore	<i>codex</i> (74, 13)	<i>caudice</i> (135, 8, 6)
4. cauliculūs/colicūlus (m): caule	<i>coliculi</i> (132, 8, 2)	
5. caupo, -onis (m): taberneiro	<i>copones</i> (39, 12) (61, 6), <i>copo</i> (62, 12)	<i>cauponi</i> (98, 1)
6. claudo, clausi, clausum: fechar	<i>clusissem</i> (57, 2), <i>cluso</i> (63, 8)	<i>clausus</i> (55, 6, 2), <i>claudit</i> (122, 1, 147), <i>clausum</i> (137, 9, 10)
7. lautus, -a, -um: lavado, louvável	<i>lota</i> (30, 11), <i>lotam</i> (40, 7)	<i>lauta</i> (31, 8), <i>lautum</i> (65, 10), <i>lantas</i> (137,12)
8. nenīa/naeriīa, -ae (f): canto fúnebre	<i>nenias</i> (46, 4) (47,10)	<i>naenias</i> (58, 7)
9. paene: quase	<i>pene</i> (136, 6)	<i>paene</i> (15, 2) (29, 1) (33, 7) (62, 10) (64, 3) (64, 9) (66, 5) (70, 11) (79, 3) (88, 5) (92, 6) (100, 4) (113, 9) (115, 11) (126, 15) (140, 6)
10. plaudo, plausi, pausum: aplaudir	<i>plodo</i> (45, 13)	<i>plaudentibus</i> (25, 3), <i>plaudentes</i> (26,1), <i>plaudentem</i> (67, 5), <i>plandeabat</i> (70 ,10), <i>plaudente</i> (119,1, 8)
11. scaena, -ae (f): cena	<i>scenam</i> (5,1, 7) (33, 5), <i>scena</i> (117, 2)	<i>scaena</i> (80, 9, 5), <i>scaenae</i> (117, 10) (126, 6)

Fonte: Bianchet (2003, p. 197).

É importante notar como o trabalho de Bianchet corrobora a ideia de a redução de ditongos ser considerada uma marca de rusticidade, ao verificar que a formas monotongadas (*coda*, *codex*, *copo/copones*) são empregadas nos episódios da *Cena Trimalchionis*, caracterizando personagens menos cultos, enquanto as formas ditongadas (*cauda*, *caudice*, *cauponi*) mostram-se nos episódios finais, caracterizando outros personagens. Na próxima seção, lançamos esse mesmo olhar sobre o ditongo *au*, especificamente.

2.1. A redução do ditongo *au* no latim vulgar: um fenômeno social e linguístico

Caracterizar a redução do ditongo *au* no latim vulgar como reflexo de uma pronúncia considerada rústica, principalmente das camadas mais baixas da população, parece ser um ponto pacífico entre estudiosos, tais como Faria (1955), Väänänen (1968) e Niedermann (1991). Faria (1955) defende que a redução de *au* a *o* seria uma alteração da variedade rústica já observada pelos gramáticos latinos:

Orata, genus piscis, appellatur a colore auri, quod rustici orum dicebant, ut aurículas oriculas. Itaque Sergium quoque praediuitem, quod et duobus anulis aureis et grandibus uteretur, Oratam dicunt esse appellatum (Festo, 202, 13): “uma espécie de peixe chama-se *orata* pela côr de ouro, porque os campônios diziam *orum*, como *aurículas*, *oriculas*. Por isso também certo Sérgio, homem muito rico, dizem ter sido apelidado *Orata* porque usava dois anéis de ouro muito grandes” (FARIA, 1955, p. 60).

Väänänen (1968) utiliza o mesmo exemplo para explicar de que modo a monotongação de *au* infiltrou-se em Roma, como um provincialismo. Vale a pena destacar que o autor também justifica a pronúncia de *au* por *o* em certas palavras como reflexo do tratamento familiar, exemplificando a redução *au* > *o* em uma locução proverbial escrita por Cícero em uma carta a seu irmão Quinto (*Ad Q. fr.* 2, 13, 4) *oriculā⁹ infimā molliorem*. Parece que o registro escrito no contexto familiar é favorável à ocorrência de redução do ditongo, uma vez que não há tanta preocupação com o uso da norma literária.

Niedermann (1991, p. 65), por sua vez, considera a redução de *au* a *o* como uma forma dialetal, que acaba penetrando até mesmo na fala da sociedade culta. Consequentemente, há uma preocupação conservadora dessa classe em impedir a tendência de redução do ditongo na língua, resultando nos hiperurbanismos (hipercorreção), isto é, em palavras pronunciadas com *o*, aplica-se a pronúncia de *au*, mesmo que se diferencie de seu étimo original (FARIA, 1995, p. 149; NIEDERMANN, 1991, p. 6). Parece que a redução do ditongo *au* a *o* não se trata apenas de uma variação linguística, mas de uma questão social. Nessa perspectiva, Basseto (2013, p. 117) sustenta que a variedade linguística consistia também em um fator de distinção social, “segundo se conclui da decisão de Claudius Pulcher, pertencente ao clã dos *Claudii* e inimigo de Cícero, de passar a chamar-se *Clodius* quando perdeu sua condição de patrício e passou à de plebeu”. Maurer Junior (1959) apresenta uma versão diferente, mas que corrobora a proposta de Basseto (2013): Claudius Pulcher se fez adotar por uma família plebeia com o propósito de ser eleito tribuno da plebe, adotando a forma *Clodius* para conquistar a simpatia da plebe.

É importante notar que, além da redução do ditongo *au* a *o*, no latim vulgar do Império, em uma sílaba inicial, ocorre redução de *au* átono a *a* quando a sílaba seguinte contém um *u* (ou *o*) (FARIA 1955; NIEDERMANN, 1991, p. 67). Por exemplo, nas inscrições em Pompeia, *Agustus* aparece no lugar de *Augustus*. Nesse caso, parece que o ambiente condicionador linguístico prevalece sobre o fator social, contudo, excetuando-se esta regra, não encontramos nenhum estudo que investigue o ambiente linguístico da realização de redução do ditongo *au* a *o* no latim vulgar como ocorre, por exemplo, com o ditongo *ei* a respeito da acentuação.¹⁰ De outro modo, a passagem do latim às línguas românicas apresenta um novo cenário e novas possibilidades de análise como veremos na próxima seção.

3. A REDUÇÃO DO DITONGO *AU* DO LATIM AO PORTUGUÊS

Para estudiosos tais como Faria (1955), Väänänen (1968) e Niedermann (1991), o processo de redução do ditongo *au* em *o* resultante de uma pronúncia considerada rústica no latim vulgar seria diferente do processo que ocorreu posteriormente nas línguas românicas. Os autores são unânimes ao afirmar que o ditongo *au* é o mais resistente dos ditongos latinos e se conservou, mantendo-se sem alterações até o romance. Para Niedermann (1991), mesmo no latim vulgar, a redução de *au* para *o* nunca prevaleceu, exceto em palavras rústicas isoladas, pois o ditongo se manteve inalterado na língua literária, sobretudo na norma culta, conforme apresentamos nas seções anteriores. Por isso, Faria (1955) e Niedermann (1991) indicam que a mudança de *au* para *o*, observada em algumas palavras modernamente, foi tardia em línguas como o francês e o italiano. Isso não quer dizer que as variantes monotongadas no latim vulgar não tenham permanecido reduzidas na passagem do latim ao português; vejamos, por exemplo, a redução de *au* átono a *a* na palavra *Augustus*. De acordo com Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 2010, p. 19), a palavra “agosto *sm.* ‘oitavo mês do ano civil’” aparece grafada desse modo no século XIII e seu étimo encontra-se no latim vulgo *agūstus*, do clássico *augūstus*. Mas, parece que a proposta dos autores põe em discussão uma premissa importante: “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125). No que tange à variação no latim vulgar, já observamos a atuação do fator social; doravante, discutimos propostas de explicação linguística na perspectiva diacrônica para a redução do ditongo *au* em *o* nas línguas românicas.

⁹ No latim clássico, *auricūla, ae* (BUSARELLO, 2007).

¹⁰ Sobre a redução do ditongo *ei*, cf. “Quantity and Quality in the Vowel-System of Vulgar Latin” (SPENCE, 2015).

Lipski (1974, p. 417) comenta que a redução de *au* nas línguas românicas ocorreu independentemente de o ditongo ser acentuado ou não acentuado. Para o último caso, o autor lança mão do exemplo *auricŭlum* > *oreille* (Francês), *oreja* (Espanhol), *orecchia* (Italiano), *orelha* (Português); a mesma tendência se aplicaria aos ditongos secundários, formados posteriormente nas línguas românicas. Nesse caso é importante lembrar que a atribuição de acento em uma palavra no latim clássico dependia do peso silábico (ALKIRE; ROSEN, 2010). O sistema vocálico latino possuía cinco vogais distribuídas em longas e breves (ā, ă, ē, ě, ī, ĭ, ō, ȝ, ū, ŭ). Pelo exame das vogais, é possível determinar o peso de uma sílaba, sendo pesada se consistir em duas unidades de tempo, isto é, quando contém uma vogal longa ou termina em uma consoante. De outro modo, as sílabas que não atendem a nenhum dos critérios são leves. Se a penúltima sílaba de uma palavra é pesada, acentua-se, senão, acentua-se a sílaba precedente. A exceção ocorre em palavras contendo apenas duas sílabas, posto que a penúltima é acentuada independentemente da quantidade das vogais e seu respectivo peso silábico. O exemplo de Lipski (1974) sobre a redução do ditongo não acentuado na palavra *auricŭlum* parece estar de acordo com a regra de atribuição de acento, contudo, o mesmo pode ocorrer com palavras em que o ditongo é acentuado.

Alkire e Rosen (2010) apresentam evidências de que o ditongo *au* tornou-se uma vogal média em alguns exemplos do Italiano, Espanhol e Francês. Abaixo, apresentamos alguns exemplos, acrescentando a mudança em Português, que discutimos a seguir.

Quadro 3 - Ocorrências de redução do ditongo primário *au* nas línguas românicas.

Latim	Italiano	Espanhol	Francês	Português
<i>aurum</i>	<i>oro</i>	<i>oro</i>	<i>or</i>	ouro
<i>thesauru</i>	<i>tesoro</i>	<i>tesoro</i>	<i>trésor</i>	tesouro
<i>paupĕru(m)</i>	<i>povero</i>	<i>pobre</i>	<i>pauvre</i>	pobre
<i>audit</i>	<i>ode</i>	<i>oye</i>	<i>oit</i>	ouve
<i>paucu</i>	<i>poco</i>	<i>poco</i>	<i>peu</i>	pouco

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Pela regra de atribuição do acento em latim, em todos os exemplos, a redução do ditongo *au* ocorre a partir de uma sílaba acentuada. Mesmo no latim vulgar, em reduções como “*auris non oricla*” (*Appendix Probi*), *cauda* < *coda*, *caudex* < *codex*, *caulicŭlus* < *coliculi*, *caupo* < *copones*, *caupo* < *copo*, *lautus* < *lota* e *plaudo* < *plodo* (*Satyricon*), a variação não é justificada pela regularidade na acentuação ou não acentuação dos ditongos. Não queremos dizer que a etimologia não possa ser uma fonte de explicação para a mudança linguística, entretanto, nesse caso, a redução ou não do ditongo *au*, justificada pelo viés da acentuação da palavra latina, não consiste em um parâmetro confiável para determinar a condição de realização do fenômeno.

No Quadro 3, observamos que, em algumas palavras portuguesas derivadas do latim, o ditongo *au* geralmente sofre alterações mudando para *ou*, isto é, ocorreu o fechamento e elevação da vogal central por assimilação regressiva ([aw] > [fw] > [ow])¹¹, sobretudo a partir do século XIII: *aurum* > ouro, *thesauru* > tesouro, *audit* > ouve, *paucu* > pouco, além de *tauru* > touro, *ausare* > ousar, *autumnu* > outono, *pausare* > pousar (COUTINHO, p. 74). Carvalho (2018), ao analisar alguns fenômenos de variação e de mudança envolvidos na trajetória histórica dos ditongos decrescentes orais (primários ou secundários) [aw], [aj], [ej] e [ow], em 153 documentos notariais originais (sécs. XIII-XVI) dos fundos do mosteiro cisterciense de Alcobaça, apresenta ocorrências de formas do ditongo *au* resultantes de uma evolução do tipo culta, em que o ditongo *au*, presente nas palavras latinas permanece, além de formas resultantes da evolução tradicional por via popular (*au* > *ou*, *au* > *a*).

¹¹ Em Português de Portugal, o ditongo *oi*, sendo uma marca dialetal ou de pronúncia popular, alterna com o ditongo *ou* quando procede da vocalização de *i* no grupo *ci* ou é formado a partir do iode primário da sílaba posterior como ocorre nos exemplos: *altariu* > outeiro (~ oiteiro), *nocte* > noite (~ noute), *octo* > oito (~ outo), *cōriū* > coiro (~ couro); *tonsōria* > tesoura (~ tesoura) (DIAS, 2014, p. 52).

Das palavras latinas *auctōritas -ātis*, *auctor*, *causa* e *clausūla*, Carvalho (2018) localizou, no *corpus*, as seguintes formas e variantes gráficas: *autoridade*, *auctoridade*, *autorydade*, *auptyrydade*, *autorjdade*, *autorridade*, *audiência*, *audiencya*, *audjenças*, *aud[yēcy]a*, *aud[iēci]a*, *auto[r]*, *autor*, *autores*, *autoria*, *cau[ʃ]a*, *cau[ʃ]as*, *chau[ʃ]a*, *causa*, *cau[ʃ]a*, *cau[ʃ]as*, *chau[ʃ]a* e *causa*. No século XIV e XV, verificou as formas *outor*, *outoridade* e *outorjdade*, resultantes do fechamento e elevação da vogal central por assimilação regressiva¹², além das formas *c[r]ajulas*, *clajfulas*, *clajfullao*, *clajfulas*, *clajfulla*, *clajfullas* e *clajfullao* quando na mesma palavra existia outro *u*, pois, nesse caso, o ditongo *au* simplificou-se em *a*, por dissimilação. De acordo com a autora, no período medieval, as variantes com a monotongação de *au* primário rivalizaram com as que conservaram o ditongo, sendo retomado o ditongo somente a partir dos últimos anos do século XV, como na palavra *clausula*. Câmara Júnior (1979), de outro modo, acredita que o ditongo foi reintroduzido no século XVI, a partir de empréstimos do latim clássico.

No Brasil, notamos outro movimento da redução do ditongo *au* na análise de Oliveira (2008) sobre a redução dos ditongos em 290 documentos oitocentistas escritos no âmbito de uma irmandade negra, a Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada em 1832, por africanos, na cidade de Salvador/BA. São documentos de escritores inábeis, redigidos em uma linguagem mais próxima da oralidade. No *corpus*, há 42 ocorrências de redução do ditongo *au*:

Cladi (Cláudio), Cladimir (Claudemir), Cladio (Cláudio), Sodoza (saudosa), Amentar (aumentar), homento (aumento), Omenos (ao menos), omentando (aumentando), Athoriza (autoriza), hoturizada (autorizada), Agusta (augusta), inaguracão (inauguração), Exasta (exausta), Exsasto (exausto), Fastiniano (Faustiniano), Fastino (Faustino) (OLIVEIRA, 2008, p. 159).

A partir dos dados, Oliveira (2008) apresenta dois produtos da redução do ditongo *au*: (i) a supressão da semivogal [w], por isso [aw] passa a [a]; (ii) em sílaba pretônica, a fusão da vogal com a semivogal, em que [a] perde o traço [+baixo] e [w] perde o traço [+alto], resultando na vogal intermediária. O autor sugere que o fenômeno ocorre diante de consoantes oclusivas e sílabas travadas por /S/. Nesse sentido, se compararmos as ocorrências de redução do ditongo *au* desde as fontes do latim vulgar, percorrendo o português medieval no *corpus* que apresentamos neste trabalho, parece que o ambiente condicionador da variação e/ou mudança do ditongo *au*, apresentado por Oliveira (2008), se repete:

Quadro 4 - Redução do ditongo *au* diante de consoantes oclusivas e sílabas travadas por /S/ em exemplos do latim vulgar, português medieval e língua portuguesa.

Latim vulgar	Português medieval (séc. XIII – XVI)	Língua portuguesa (séc. XIX)
Augustus > Agustus Claudius > Clodius cauda > coda caudex > codex caupo > copo cauponis > copones claudio, clausi, clausum > clusissem, cluso Lautus > lota, lotam Plaudo > plodo	<i>Clausūla</i> > <i>c[r]ajulas</i> , <i>clajfulas</i> , <i>clajfullao</i> <i>clajfulas</i> , <i>clajfulla</i> , <i>clajfullas</i> <i>clajfullao</i>	Cláudio > Cladi Claudemir > Cladimir Cláudio > Cladio, Saudosa > Sodoza autoriza > Athoriza autorizada > hoturizada Augusta > Agusta inauguração > inaguracão exausta > exasta exausto > exsasto Faustiniano > Fastiniano Faustino > Fastino

Fonte: Elaborado pelas autoras.

¹² Para além do *corpus* analisado por Carvalho (2018), *outor* e *outoridade* são recorrentes no século XIII (CUNHA, 2010).

De outro modo, o quadro também revela exemplos de Oliveira (2008) sobre a redução de *au* para *a*, em palavras que, tradicionalmente, manifestavam alteração de *au* em *o*, como *Clodius*, em latim vulgar e *Cladio* no *corpus* de Oliveira (2008). Um estudo mais acurado poderia investigar indícios de motivação para essa variação, uma vez que coexiste nos próprios dados de Oliveira (2008): *amentar* e *omento*, *athorizado* e *hoturizada*. Nesse caso, não se aplicaria a regra de que a redução de *au* para *o* só ocorreria em sílaba pretônica; ademais, ao longo do trabalho também apresentamos reduções de *au* para *o* em sílabas acentuadas. De qualquer modo, pelos estudos da redução do ditongo *au* na diacronia, pudemos verificar que o fator social se repete desde o latim vulgar até a língua portuguesa e, por isso, compreendemos por que a monotongação tem sido vista como um fenômeno completamente social nas línguas, embora apresente motivações de ordem linguística recorrentes ao longo das sincronias passadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, apresentamos um panorama sobre a trajetória do fenômeno de redução do ditongo *au* do latim ao português a partir de estudos diacrônicos das línguas. Partindo do princípio de que a distinção entre latim clássico e latim vulgar não é cronológica, senão social, verificamos a ocorrência do fenômeno já no latim vulgar como marca de rusticidade e da linguagem descuidada nas fontes do *Appendix Probi*, das inscrições parietais, tumulares, *defixionum tabellae*, da *Cena Trimalchionis* da obra *Satyricon* de Petrónio e de cartas de Cícero ao seu irmão. Nesses casos, de modo geral, há redução do ditongo de *au* a *o*, exceto em uma sílaba inicial, quando ocorre redução de *au* átono a *a* se a sílaba seguinte contém um *u* (ou *o*).

Posto que o ditongo *au* se mantém na variedade literária da língua, na passagem do latim às línguas românicas, o fenômeno de redução ocorre novamente no Italiano, Espanhol e Francês. No Português, geralmente ocorre o fechamento e elevação da vogal central por assimilação regressiva, alterando para *ou*, sobretudo a partir do século XIII. Mesmo assim, via popular, fontes como documentos notariais originais (sécs. XIII-XVI) dos fundos do mosteiro cisterciense de Alcobaça analisados por Carvalho (2018) e documentos oitocentistas escritos no âmbito de uma irmandade negra, a Sociedade Protetora dos Desvalidos, analisados por Oliveira (2008) atestam a variação do ditongo *au* em *o/a*. Do ponto de vista linguístico, verificamos que a acentuação das palavras no latim clássico não consiste em parâmetro de análise da redução do ditongo *au* no latim vulgar e nas línguas românicas. De outro modo, verificamos que o ambiente condicionador do fenômeno de redução do ditongo *au* diante de consoantes oclusivas e sílabas travadas por /S/, proposto por Oliveira (2008) poderia ser aplicado às ocorrências de redução nas fontes citadas acima, todavia, será necessário um estudo mais acurado para investigar os indícios de motivação para essa variação.

Por fim, semelhante ao que ocorreu no latim vulgar, a variação como marca de oralidade, embora registrada nos documentos de sincronias passadas, permanece na variedade menos culta da língua. Sabendo que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125), observamos, portanto, que o ditongo *au*, do latim ao português, apresentou a variação em *a*, *o* (resultantes do fenômeno de redução) e *ou/ ~oi*, no entanto, na maioria dos casos, permaneceu a mudança para o ditongo *ou* na variedade culta da língua, enquanto a redução limita-se à variedade menos culta como indício de oralidade.

REFERÊNCIAS

- ALKIRE, Ti; ROSEN, Carol. The Evolution of stressed vowels. In: ALKIRE, Ti; ROSEN, Carol. *Romance languages: a historical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 5-25.
- ARAÚJO, Ruy Magalhães de. Fontes do latim vulgar. *SOLETRAS*, São Gonçalo, n. 5-6, p. 96-115, 2003.
- BASSETTO, Bruno Fregni. *Filologia românica: história externa das línguas românicas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

- BIANCHET, Sandra Maria Gualberto Braga. Alterações fonético-fonológicas no latim do século I d.C.: descrição do sistema vocálico latino a partir do *Satyricon*, de Petrônio. *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, São Paulo, v. 15, n. 15/16, p. 189-202, 2003.
- BUSARELLO, Raulino. *Dicionário básico latino português*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CARVALHO, Maria José S. Pereira. Ditongos orais e seus processos evolutivos na história do Português. *Estudos de Linguística Galega*, Santiago de Compostela, v. 10, p. 41-54, 2018.
- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DIAS, Ana Paula Veloso Pratas. Variação ou ~ oi em Portugal continental: delimitação das áreas geográficas com maior incidência do ditongo oi. *Diacrítica*, Braga, v. 28, n. 1, p. 51-67, 2014.
- FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do Latim*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- HUSBAND, Richard Wellington. The diphthong - Ui in Latin. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Ithaca, v. 41, p. 19–23, 1910. Disponível em: www.jstor.org/stable/282713. Acesso em: 28 abr. 2021.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- LABOV, William. On the mechanism of linguistic change. In: GUMPERZ, John J; HYMES, Dell (ed.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Hold, Rinehart and Winstion, 1972.
- LABOV, William. The use of the present to explain the past. In: LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1999. p. 9-27.
- LASS, Roger. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- LIPSKI, John M. The reduction of falling diphthongs. *RRI*, Bucareste, v. xix, n. 5, p. 415-435, 1974.
- MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- NIEDERMANN, Max. *Précis de phonétique historique du latin*. Paris: Éditions Klincksieck, 1991.
- OLIVEIRA, Klebson. O verso e o reverso: redução de ditongos e ditongação em textos escritos por negros no Brasil oitocentista. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 11, n. 2, p. 155-175, 2008.
- ORBIS LATINUS. Vocabulary of the Vulgar Latin. *Appendix probi*: list of correct and incorrect forms of 227 words (3rd-4th centuries AD). Disponível em: http://www.orbilat.com/Languages/Latin_Vulgar/Vocabulary/Appendix_Probi.html. Acesso em: 20 maio 2021.
- QUEDNAU, Laura Rosane. Os ditongos do latim ao português. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 4, n. 3, p. 89-99, 2005.
- ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

SANTOS, Susana Gabriela Mendes dos. *O latim das inscrições romanas em território português até à queda do império*. 2005. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

SOUZA, Maria Helena Menezes de; SILVA, Suziane de Oliveira Porto. Os caminhos e descaminhos da sociolinguística histórica no Brasil. *Revista da ABRALIN*, Aracaju, v. 19, n. 2, p. 1-5, 2020.

SPENCE, Nicol Christopher William. Quantity and quality in the vowel-system of Vulgar Latin. *Word*, New York, v. 21, n. 1, p. 1-18, 1965.

VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Editorial Gredos, 1968.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.